Ética e cidadania

Caminhos da filosofia

20ª Edição

Sílvio Gallo (Coord.)

Grupo de Estudos sobre Ensino de Filosofia

PAPIRUS EDITORA

UNIDADE 1

A FILOSOFIA E O CONHECIMENTO

Antônio era um cara pensativo. Às vezes, saía com os amigos e, no meio do papo na mesa da lanchonete, começava a pensar em certas coisas e se esquecia do resto. "Puxa, o que é que eu estou fazendo aqui? Qual o sentido disto tudo?" Não que essas questões — e muitas outras — tirassem o seu sono (era um cara "desencanado"), mas ele se divertia pensando nelas, pois nunca conseguia chegar a uma conclusão. Pensar nelas era para ele uma diversão, como conversar com os amigos, ou como para alguns é divertido jogar paciência ou montar quebra-cabeças. Os amigos às vezes até se incomodavam um pouco com isso, mas curtiam demais o Antônio para implicar com ele. Ficava tudo na brincadeira. Um dia, quando estava lá, pensativo e distraído, Carlos lhe disse: "Pô, cara! Fica aí no mundo da lua, até parece que está filosofando!" E ele pensou: "Mas será que isso que eu faço, de ficar assim pensando com calma nas coisas, é que é filosofia?"

A primeira ideia que nos vem à cabeça quando tentamos definir a filosofia é a de buscar uma razão histórica para sua existência. E como não temos a intenção de defini-la e nem de localizar precisamente a sua origem, preferimos admitir a filosofia como "ato de filosofar" e, com base nisso, compreender o homem como um ser situado numa época que se sente perplexo com a realidade vivida e começa a se interrogar sobre tal realidade, buscando uma razão fundamental para tudo o que existe.

O melhor meio de se aproximar da filosofia é fazer perguntas. Só que não são perguntas/questões. São perguntas/problemas. São perguntas de caráter reflexivo, ou seja, o pensamento dentro de uma ação humana que permite uma tomada de atitude dos homens diante dos acontecimentos da vida.

Reflexão vem da expressão latina *reflectere*, que significa "voltar atrás". Ou seja, um repensar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado e interrogar-se sempre sobre as opiniões, as impressões, os conhecimentos técnico-científicos e o próprio sentido da filosofia.

É difícil precisar o instante exato em que se inicia a atividade filosófica na história, ou quando as perguntas/problemas começam a ser feitas pelas pessoas em suas épocas. Para isso, precisaríamos saber em que momento o homem começou a questionar-se sobre si mesmo, sobre os outros homens, sobre o mundo em que vive. Em suma, teríamos de determinar quando e por que o homem começou a pensar mais seriamente, mais profundamente sobre determinados fenômenos que perturbavam sua existência. É claro que muitas explicações foram criadas para os fenômenos naturais que incomodavam os seres humanos; mas, em certo momento, alguns começam a *duvidar* dessas explicações.

A partir da dúvida, o ato de filosofar ganha proporções importantes, pois, percebendo as contradições existentes nas diversas explicações dos acontecimentos do mundo, o homem passou a questioná-las, a pô-las em xeque, e a buscar respostas mais coerentes, mais concretas para suas interrogações.

A primeira experiência com o "ato de filosofar" de que temos conhecimento deu-se na Grécia Antiga. Com o nascimento da *pólis*, as cidades-Estado gregas passam a expandir poder político, econômico e cultural para outras civilizações, o que permitiu o desenvolvimento de aspectos importantes da cultura, das formas de governo, da participação popular, influenciando o desenvolvimento intelectual e permitindo que surgissem os problemas reais sobre a existência do cosmo (os gregos chamavam o mundo de *cosmos*, que significa ordem, beleza, harmonia em oposição ao *caos*, a desordem de quando ainda não havia sido criado o mundo). É aí que aparece a figura do filósofo, ou seja, um "amante da sabedoria", alguém cujo objetivo é chegar à sabedoria. É por isso que o pesquisador Jean-Pierre Vernant afirmou que "a filosofia é filha da cidade".

Dizem que a palavra filósofo foi inventada por Pitágoras no século V a.C. Ele era reverenciado como um sábio (*sofos*, em grego), mas, como era um tanto modesto, dizia-se quando muito um amigo do saber (de filos, que significa amigo, amante — vem de *filia*, amizade — e *sofia*, sabedoria, saber), cunhando a palavra filósofo. Só mais tarde surgiu a palavra filosofia, para designar a atividade daqueles que se caracterizavam como filósofos.

O filósofo procura desvendar o saber. Não um saber pronto e acabado, mas um saber que experiencia o não saber, que faz o movimento da ignorância ao saber. Aquele que busca conhecer alguma coisa, que está sempre à procura de respostas e da constante superação dessas respostas, pois, sempre que chegamos a uma resposta, ela nos desperta para inúmeras outras perguntas. Por isso, definimos anteriormente a pergunta filosófica como uma pergunta/problema.

O ato de filosofar começou a surtir efeito naquelas comunidades primitivas que frequentemente recorriam a mitos para explicar os fenômenos não compreendidos. O mito, em geral, era — e é até hoje — uma explicação que utiliza elementos simbólicos e sobrenaturais para entender o mundo e dar sentido à vida humana, respondendo satisfatoriamente à curiosidade das pessoas. Muitos acreditavam e acreditam em certas explicações mitológicas sem fundamentação lógica de um saber racional e sem colocar em dúvida aspectos dessa crença. O mito não coloca em dúvida suas explicações: são verdades absolutas a serem cegamente seguidas; já a filosofia caracteriza-se por sempre buscar algo mais, por não se contentar com a primeira explicação disponível.

A filosofia nasceu e nasce da aspiração de estar em toda parte e em qualquer circunstância. É como o ar que respiramos e que nos coloca diante de questões que exigem "atitudes" para tomar certas decisões que preencham nossas aspirações. É por isso que a filosofia ainda não teve fim, e provavelmente jamais terá, embora, em muitos momentos da história, filósofos tenham tido a pretensão de ter alcançado a sabedoria, isto é, o fim da própria atividade filosófica. Mas suas ideias foram logo questionadas, e sua pretensão ruiu, seguindo a filosofia seu caminho de busca de um saber cada vez mais aprimorado.

Você está percebendo que a filosofia é uma atividade em constante transformação: depende da cenografia de cada época e dos atores que sobem ao palco — os filósofos que tentam compreender essa cena que vivem. Desse modo, é muito difícil *definir* o que seja filosofia, pois ela assume diferentes feições. Para facilitar sua compreensão, falaremos um pouco de três grandes figuras do período clássico grego, que viveram entre os séculos V e III a.C. e de como viveram a atividade filosófica.

Sócrates

A figura de maior destaque da filosofia grega clássica foi Sócrates. Ele nada escreveu, mas andava pelas ruas de Atenas conversando com as pessoas. Gostava de interrogá-las sobre suas crenças, levando-as a perceber o quão transitórias elas eram. Buscava um conhecimento mais elaborado, mas, quanto mais conhecia, mais tinha consciência de que sabia muito pouco. Por assumir humildemente uma posição de ignorância, foi declarado pelo Oráculo de Delfos como o homem mais sábio do mundo.

Vivenciando as experiências do dia a dia e tentando questionar sempre os acontecimentos da cidade e as relações entre as pessoas, Sócrates, atento ao caminho da perfeição, inquietava os cidadãos atenienses com a magia da arte do diálogo. Ele nos ensinou que a atividade de filosofar não se distingue do próprio ato de viver, que o ato de filosofar consiste em conscientizar-nos de que nada sabemos. Nas suas conversas na praça do mercado de Atenas, ele não queria ensinar, mas aprender com as pessoas. Nesse diálogo, ambos aprendiam.

Sócrates conversava com as pessoas e frequentemente fazia perguntas. Levava seus interlocutores a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Com base nisso, permitia que a outra pessoa chegasse a suas próprias conclusões. Na verdade, Sócrates dialogava com as pessoas, forçando-as a usar a razão.

Ele mergulhou no saber. Procurou compreender os conflitos da cidade, das gerações, dos costumes e, a partir daí, mergulhou num constante exercício de vida, no confronto diário com as contradições do saber.

Sócrates sabia muito bem que nada sabia sobre a vida e o mundo. E que isso era um ponto de partida para chegar à verdade. Ele próprio dizia que a única coisa que sabia era que não sabia nada. "Eu só sei que nada sei" era seu conhecido lema.

Essa posição o confrontava com os sofistas, que geralmente se satisfaziam com respostas prontas e acabadas. Para Sócrates os questionamentos são mais importantes e perigosos. Uma única pergunta pode ser mais importante do que várias respostas. Responder não é perigoso.

Ele acreditava que o conhecimento do que é certo leva ao agir correto. Por isso é tão importante ampliar nossos conhecimentos. E ele estava preocupado em encontrar definições claras e válidas para o que é certo e o que é errado, afirmando que essa capacidade de distinguir o certo e o errado estava na *razão*. Só assim, agindo de acordo com a razão, pensava ele, as pessoas poderiam ser de fato felizes: não uma felicidade baseada nas aparências, mas uma felicidade real, daquele que também busca fazer os outros felizes.

Mas os questionamentos de Sócrates despertaram o ódio de muitos atenienses, perturbados em suas "certezas" e vendo ruir seu mundinho bem construído. Com mais de 70 anos de idade, ele foi preso, julgado e condenado

à morte, acusado de não acreditar nos deuses da cidade e de corromper os jovens. Os atenienses quiseram dar uma lição à filosofia, tentando fugir do incômodo causado por ela.

Platão

Platão foi discípulo de Sócrates e também cidadão ateniense. Era uma pessoa de família rica, culta, inteligente e produziu discursos e várias obras filosóficas. Destacou-se após a publicação do discurso em defesa de Sócrates, que havia bebido o cálice de cicuta, a pena de morte vigente em Atenas.

À escola que fundou em Atenas, ele deu o nome de Academia. Nessa escola ensinava-se filosofia, matemática e ginástica. E também utilizava-se o método dialógico criado por Sócrates, pois Platão o considerava seguro e importante para o desenvolvimento da filosofia.

A preocupação central de Platão consistia em perceber a relação entre aquilo que, de um lado, é eterno e imutável, e aquilo que, de outro, flui, ou seja, movimenta-se. Concluiu que aquilo que é eterno e imutável está no plano ideal, racional, espiritual. Está naquilo que ele chamou de mundo das ideias. Já aquilo que flui pertence ao mundo dos sentidos, dos acontecimentos, e é feito de um material sujeito à corrosão do tempo.

De fato, essa preocupação de Platão aparece porque ele estava querendo provar a existência do conhecimento verdadeiro. Partiu da constatação de que tudo aquilo que sabemos, temos acesso ou pelos sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato) ou pelo pensamento, pela razão. Qual dos dois seria o mais confiável? O conhecimento sensível era o do mundo dos sentidos, que flui e se transforma; portanto, é um conhecimento transitório. Já as ideias só podem ser conhecidas pelo pensamento; nós não conseguimos ter uma percepção sensível de uma ideia (vê-la, cheirá-la etc.), mas o mundo das ideias é o mundo da perfeição, aquele que é eterno. Então, ele chegou à conclusão de que o verdadeiro conhecimento é o das ideias, e não o dos sentidos, que são apenas aparências.

Mas o verdadeiro conhecimento não pode desprezar o mundo dos sentidos; só com base nele é que podemos chegar nas ideias. Portanto, era preciso partir do mundo dos sentidos, compreender como ele se manifesta na realidade e formular uma ideia sólida para chegar a um conhecimento que não nos traga dúvidas, do qual possamos estar seguros.

A razão é eterna e imutável, pois emite juízos daquilo que só se manifesta sobre dados que são eternos e universais, levando-nos a ideias verdadeiras, ao passo que as opiniões e os sentidos podem nos dar ideias falsas sobre o que sentimos e percebemos, pois estão baseados na transitoriedade.

Essa divisão entre dois mundos é a marca da filosofia de Platão, aparecendo também em sua visão do homem, separando o corpo da alma. Para ele, o espírito ou a alma é intelectiva (racional) e superior. O corpo é irracional (sensível) e inferior. O corpo, com suas inclinações e paixões, contamina a pureza da alma racional, impedindo-a de contemplar as ideias perfeitas e eternas. Como nossos sentidos estão ligados ao corpo, não são totalmente confiáveis. Confiável é a alma imortal, onde existe a morada da razão. E porque a alma não é material, ela pode ter acesso ao mundo das ideias.

Mas Platão dava um papel importante aos exercícios físicos, atribuindo a eles a qualidade de vivificar a alma e permitir a sua concentração na contemplação das ideias. Ele mesmo era um atleta (seu verdadeiro nome era Arístocles, mas recebeu o apelido Platão que, em grego, significa "ombros largos") e acreditava que a ginástica e a música permitem a superioridade do espírito sobre o corpo. Assim, a alma só pode desenvolver-se com um corpo forte e saudável; ao contrário, a fraqueza física torna-se um empecilho à vida superior do espírito.

Platão defendia a existência de um mundo ideal, perfeito e imutável. No nosso mundo sensível, tudo deveria buscar o modelo dessa perfeição. E para isso, era preciso encontrar, também para a sociedade, um modelo que privilegiasse esse raciocínio. Baseando-se nisso, ele imaginou um Estado constituído como o corpo humano.

Segundo ele, o corpo humano consistia em três partes: cabeça, peito e baixo-ventre. A razão pertence à cabeça, a vontade ao peito e o desejo ao baixo-ventre. A razão deve inspirar sabedoria, a vontade deve mostrar coragem e os desejos devem ser controlados. Para existir uma perfeição social, a organização da sociedade deve ser de acordo com a classificação do corpo humano: governantes (cabeça), soldados (peito) e trabalhadores em geral (baixo-ventre).

Só podem governar a sociedade aqueles que têm a possibilidade do pleno uso da razão, pois só eles podem compreender a ideia de Justiça e dirigir os demais segundo ela. E nesse caso, quem tem o pleno exercício da razão, segundo Platão, é o filósofo. É por isso que, para ele, ou os filósofos tornavam-se reis, ou os reis deveriam tornar-se filósofos.

Platão inventou uma forma de fazer filosofia: pegou emprestado de Sócrates o método da conversa, do diálogo para expressar suas ideias. Mas, diferente do seu mestre, não ficava pelas ruas conversando com as pessoas; pensava e tentava chegar a ideias cada vez mais perfeitas. Para comunicar aos outros essas ideias, escrevia na forma de diálogos, com vários personagens conversando entre si e defendendo ideias diferentes. Na imensa maioria de suas obras, Sócrates era a personagem principal, na boca da qual Platão colocava as ideias que pretendia demonstrar.

Aristóteles

Aristóteles pertenceu à Academia de Platão. Não era ateniense, mas da cidade de Estagira, e filho de um médico/cientista. Sua formação e seu interesse pela natureza fizeram com que divergisse do mestre Platão (que não se preocupou muito com o mundo dos sentidos), procurando ser também um estudioso da natureza viva e de seus processos de mudanças e evolução.

Aristóteles é considerado como aquele que, na cultura grega, organizou, sistematizou e ordenou as várias ciências.

Ele dizia que as ideias não nascem conosco, elas se formam em nós com base nas experiências que temos na vida. Por exemplo: para Platão, existe primeiro a ideia de cavalo (razão) da qual cada cavalo que vemos é uma cópia. Para Aristóteles, existia a forma do cavalo, derivada daquilo que chamamos de espécie, classificação que fazemos pelos sentidos. Para ele, a realidade está em percebermos ou sentirmos tudo o que está a nossa frente e, com base nisso, elaborarmos nossa visão de mundo.

Pensava ele que todas as nossas ideias e todos os nossos pensamentos tinham entrado em nossa consciência através do que víamos e ouvíamos. Mas acreditava que temos uma razão inata — temos a capacidade de ordenar em diferentes grupos e classes todas as nossas impressões sensoriais. Somos capazes de criar conceitos e classificá-los, por exemplo, em animal, vegetal ou mineral.

Aristóteles era um homem meticuloso e queria encontrar ou explicar racionalmente os acontecimentos dos fenômenos da natureza. Para ele, era importante ficar claro como nossos sentidos captam as formas das coisas. Tomando o exemplo de uma árvore, ele dizia que existe a forma da árvore, captada pelos nossos sentidos. Mas existe também uma substância, que é aquilo que faz com que a árvore seja árvore. Na semente, a substância da árvore já está presente, mas que ela deve atualizar aquilo que ainda é uma possibilidade, germinando, crescendo e transformando-se em árvore. O movimento que ocorre na natureza, segundo ele, é uma transformação nas formas que, pela atualização da substância, faz com que uma possibilidade se torne realidade. Se percebemos as formas pelos sentidos, a substância só pode ser encontrada pela razão.

Percebemos que, no pensamento de Aristóteles, existe um esforço de ordenação. Ele estabeleceu uma certa ordem lógica na classificação do mundo da natureza e afirmou que, para chegar a certas conclusões sobre ela, era preciso estabelecer certos princípios. Por exemplo: todas as criaturas vivas são mortais. O homem é um ser vivo. Portanto, todo homem é mortal. Essa é a forma do que ele chamou de *silogismo*, e a lógica formal sistematizada por Aristóteles é a que rege nosso pensamento até hoje.

No pensamento de Aristóteles, encontramos também uma preocupação com a organização da sociedade (política) e também com a forma que cada indivíduo dá para sua própria vida particular. Talvez ele tenha sido o primei-

ro filósofo da Antiguidade a falar em ética com uma preocupação central em relação à vida humana.

A vida humana se diferencia da dos animais porque se manifesta com intencionalidade, vontade e desejo de ser feliz. Aristóteles acreditava em três formas de felicidade: a primeira é uma vida de prazeres e satisfações; a segunda é uma vida de cidadão livre e responsável; e a terceira é viver como pesquisador e filósofo. E essas três formas só se sustentam se realmente forem integradas entre si. Ou seja, é preciso buscar um equilíbrio corporal, espiritual e social para que a vida humana se realize como expressão da felicidade.

Dentro dessa preocupação com a vida e suas buscas de realização, Aristóteles procurou expressar uma visão de sociedade que permitisse o convívio harmônico dos seres humanos. Como não podemos viver somente segundo nossas intenções, é preciso organizar a sociedade de forma que ela nos auxilie a viver melhor. E a forma mais elevada do convívio humano, segundo Aristóteles, só pode ser o Estado.

Para Aristóteles, existem três formas puras de governar o Estado: a monarquia (ou governo de um só), a aristocracia (ou governo dos melhores) e a democracia (ou governo realizado por um grande número de cidadãos). Segundo ele, essas três formas só são válidas e justas se encontrarem um verdadeiro sentido de organização dos cidadãos, em que necessidades básicas como comida, trabalho, educação e família sejam colocadas no plano de convívio humano e de satisfação das nossas necessidades vitais de existência, visando a promoção do bem de todos.

Diferente de Platão, Aristóteles escrevia na forma dissertativa, procurando argumentar segundo as leis da lógica, inaugurando a forma pela qual a escrita filosófica seria conhecida ao longo dos séculos.

A filosofia e os demais conhecimentos

Tentamos aqui caracterizar a atividade filosófica por meio de uma rápida visão desses três filósofos clássicos, que viveram numa época muito próxima da origem dessa forma de saber. Fica evidente que suas contribuições ao mundo do conhecimento enriquecem nossas pesquisas e nos dão oportunidade para compreender melhor como o pensamento filosófico evoluiu. Percebemos também que, embora tenham vivido próximos entre si — Platão foi aluno de Sócrates e Aristóteles, aluno de Platão —, suas ideias diferenciam-se bastante. Ao longo do desenvolvimento da história, poderemos ver o aparecimento das mais diferentes posturas e ideias filosóficas.

Outra coisa que esperamos que tenha ficado clara para você é que a filosofia é *uma forma de conhecimento*. Ela surgiu em oposição a uma outra forma de conhecimento, o mito. Se o mito caracteriza-se por buscar explica-

ções sobrenaturais e definitivas sobre os fatos do cotidiano, a filosofia constitui-se numa constante interrogação, busca explicações racionais, baseadas na própria natureza, para dar significado ao mundo e a nossas vidas. Essas duas formas de conhecimento coexistem até hoje, junto com outras.

Na busca de explicações racionais, a filosofia não ficou sozinha. Na verdade, ela se desenvolveu tanto que, num determinado momento, já não era possível que uma única pessoa pudesse se dedicar a pesquisar sobre muitas coisas. Como já vimos, Aristóteles estudava lógica, matemática, física, biologia, política, ética... Hoje, se alguém se dedica a estudar matemática, é provável que passe toda a sua vida pesquisando, e não conheça mais do que algumas partes específicas dessa área do conhecimento.

Com o crescente desenvolvimento dos conhecimentos e o consequente acúmulo de informações, além da busca constante de uma forma (método) de produzir conhecimentos verdadeiros, surgiu na Idade Moderna uma nova forma de conhecimento: a ciência. Podemos afirmar que todas as ciências que conhecemos hoje são filhas da filosofia, pois todas elas foram, num primeiro momento, uma área da interrogação filosófica. Aos poucos, cada uma delas foi se isolando, constituindo uma área própria de pesquisa e de saber.

Após séculos de esforços e discussões acumuladas de inúmeros filósofos, apareceu no século XVII o método científico que conhecemos hoje, baseado na experiência. A aplicação desse método a cada objeto de curiosidade constituiu uma ciência diferente: primeiro a física, depois a química, um pouco mais tarde a biologia e, mais recentemente — apenas no século XIX —, as chamadas ciências humanas e sociais: psicologia, história, sociologia...

A característica básica da ciência, portanto, é ter um único método aplicado a vários objetos; muda o objeto, muda a ciência. Já a filosofia, como vimos, pode ser construída de várias maneiras (não tem um método único) e possui vários objetos de estudo (de fato, qualquer coisa pode ser objeto de estudo filosófico). Fica claro, então, que, embora as ciências tenham surgido da filosofia, hoje elas constituem formas de conhecimento diferentes. Mas tanto a filosofia como as ciências caracterizam-se por buscar um conhecimento verdadeiro, fundamentado racionalmente e que não se contente com explicações imediatas e definitivas.

De outro lado, teríamos o mito e a religião como outras formas de conhecimento, baseadas numa busca de explicações definitivas e inquestionáveis sobre os acontecimentos de nosso dia a dia.

✎ Texto complementar

"DEFINIÇÕES DE FILOSOFIA"

Você percebeu que nesta unidade não tentamos em momento algum "definir" o que seja filosofia, pois não há um consenso em torno disso, isto é, ainda não foi criada uma definição que satisfaça a todos os filósofos. Citaremos aqui a tentativa que alguns grandes filósofos fizeram de definir sua atividade.